

1º lugar: O pequeno Chinaski - Ernesto Fantoni - Lauro Manzoni Bidinoto

O pequeno Chinaski

Ernesto Fantoni

Chinaski saiu do bueiro enquanto mateávamos na frente do Bloco 21. Quase sem pelos, com os olhos cobertos de remelas e as orelhas esfarrapadas, apenas se parecia com um gato. Precisou miar para que tivéssemos certeza. Lembro de alguém ter perguntado quem seria o dono do animal, como se pudesse um bicho naquele estado ter algum responsável. Alheio ao nosso espanto, ele se aproximou. Miava cada vez mais. Parecia contente por não ter sido repelido no primeiro contato. Então percebemos que se movia com dificuldade e arrastava uma das patas, na qual se podia perceber um pedacinho de osso querendo apontar para fora. Logo o batizamos de Chinaski, como o personagem de Bukowski.

Dali por diante, sua vida mudou, começando por uma consulta no Hospital Veterinário. Interrompemos a conversa e o mate daquele resto de manhã para acudir o pequeno. Primeiro saciamos sua fome com um prato de leite. Depois, com o doente acomodado dentro de um chapéu de couro preto, que dali por diante seria sua cama, seguimos para o Hospital, o Augusto, o Guilherme e eu. Foi a primeira de muitas intervenções médicas que resultariam na implantação de um pino, que se tivesse sido implantado logo naquela primeira consulta, era capaz de pesar mais do que o bichinho. Porém, quando isso aconteceu, já tínhamos um gatinho quase inteiro, livre de remelas, coberto de pelos avermelhados e bastante ágil, à exceção da pata fraturada. Depois de colocado o pino, ficou parecendo um robozinho, mas aos poucos foi melhorando e cresceu quase como um gato sadio.

Instalou-se no Bloco 21. Todavia, entrava nos apartamentos apenas para fazer as refeições, para receber algum afago, ou para dormir no chapéu do Augusto. Morava mesmo era no bueiro de onde o vimos sair naquela manhã. Bem que tentamos fazer com que abandonasse a vida subterrânea, mas não teve jeito. Quando menos esperávamos, ele pulava do buraco, ou então corria para dentro dele fugindo de alguma ameaça, quase sempre um carro passando na rua. Às vezes, encrencava-se com os cachorros, ocasiões nas quais não recorria ao nosso auxílio, preferindo ultrapassar-nos em disparada e mergulhar no seu bueiro, como se quisesse mostrar que já sabia se virar sozinho.

Engraçado que, depois de certo tempo, talvez uns três meses, Chinaski passou a nos seguir, como se fosse um cachorrinho. Começou acompanhando Augusto até o Centro de Tecnologia, e certa vez conseguiu entrar na sala de aula. Também me acompanhava, até a parada de ônibus, quando eu estudava no Centro. Tinha que cuidar para que não tentasse embarcar. E quando, nas noites frias, eu ia estudar nos auditórios que ficavam abertos nos prédios perto da biblioteca, sempre o levava junto. Entrava madrugada adentro lendo, com Chinaski ronronando no meu colo. Teve um dia que ele foi junto conosco até o mercado, em Camobi. Outra vez foi até o distrito dos Pains, numa das tantas caminhadas sem rumo que fazíamos à tardinha.

Foi dessa forma que Chinaski se transformou num dos personagens da UFSM. Gostávamos tanto dele, meus amigos e eu, colegas da Casa do Estudante, que, conforme se aproximava o momento da formatura, começamos a discutir o que fazer com o gatinho. Deveríamos deixá-lo vivendo no Campus? Seguiria para a fronteira com o Augusto? Ou para a casa de qualquer um de nós outros, que a essa altura já éramos mais de dez, os amigos dele? Nunca precisamos tomar essa decisão. Antecipando nossa angústia da despedida - que era, na verdade, parte da angústia de despedir-se da vida universitária e, sobretudo, dos amigos feitos nos quatro anos de faculdade -, Chinaski desapareceu em meados de novembro de 2002.

No final daquele ano, tantos outros desapareceriam para mim, tal qual Chinaski. Não fosse pelas sete vidas que os gatos têm, eu não observaria atentamente as aberturas dos bueiros quando volto ao Campus da UFSM. Sei que a possibilidade de ele cruzar novamente pelo meu caminho se confunde com as chances que tenho de encontrar a maioria dos personagens universitários daquele tempo, os quais nunca mais vi, mas que estão por aqui, desde o começo da escrita desta crônica, pedindo passagem pelas entrelinhas do texto. Para não ter que escolher entre eles, preferi falar de Chinaski. Todos pertencem a um tempo único, impossível de ser repetido. Alguns, talvez eu nunca mais encontre. Mas isso, na verdade, é o que menos importa, contanto que continuem lá, nos meus quatro anos de UFSM.